



Fotos: Carlos Vieira/CB/D.A Press

GINA VIEIRA RECEBEU PRÊMIOS PELO PROJETO DESENVOLVIDO COM OS ALUNOS DO CEF 12

Histórias inspiradoras

NA UNIVERSIDADE OU NO ENSINO FUNDAMENTAL, PROFESSORES CONTRIBUEM PARA QUE A COMUNIDADE DE CEILÂNDIA CONSTRUA E ENTENDA A PRÓPRIA IDENTIDADE

Quando tinha 8 anos de idade, Gina Vieira Ponte decidiu que faria a diferença para as pessoas e iria influenciá-las positivamente. Para alcançar esse objetivo, ela superou a pobreza, o preconceito e as dificuldades de aprendizado e tornou-se professora. Inspirada nas próprias origens e na história de Ceilândia, criou um projeto no Centro de Ensino Fundamental (CEF) 12, que, no ano passado, ganhou o 8º Prêmio Professores do Brasil, concedido pelo Ministério da Educação, e o 4º Prêmio Nacional de Educação em Direitos Humanos.

A trajetória que a levou ao reconhecimento nacional começou antes da construção de Brasília. O pai, Moisés, era cearense. A mãe, Djanira, mineira. Os dois buscavam melhores condições de vida e, apesar de terem chegado à capital na década de 1960, só se conheceram mais tarde, na Vila do IAPI. Gina, hoje com 43 anos, foi a primeira dos seis filhos a nascer após a transferência para Ceilândia.

A mãe dela se recusou a trabalhar para ficar em casa cuidando dos filhos. “Eu prefiro passar dificuldade com vocês e acompanhar a educação de vocês do que transferir essa responsabilidade para outras pessoas”, dizia Djanira. Como viviam apenas com a renda do pai, a infância de Gina foi marcada por carências materiais. “Eu nunca tive uma festa de aniversário, nós nunca ganhamos presente de Natal. Mas a minha mãe tinha uma pedagogia extraordinária. Ela nos convencia de que, para obter algo melhor no futuro, tínhamos que ser capazes de fazer sacrifícios.”

A relação que tinha com os estudos era tão forte que, enquanto a primeira escola classe de Ceilândia era construída, Gina acompanhava as obras, contando os dias para que ficassem prontas. Mesmo com toda a dedicação, a fase escolar não foi fácil, em razão do

preconceito racial e das dificuldades de aprendizado. Foi nessa época, aos 8 anos, que ela encontrou outra pessoa com importância decisiva em sua vida: a professora Creusa Pereira dos Santos Lima. A afetividade com que essa educadora a tratou logo nos primeiros dias de aula foi essencial para que Gina se sentisse mais segura em relação à própria capacidade de aprender. Ela se lembra, como se fosse hoje, do dia em que a professora organizou uma apresentação sobre a chegada da primavera e maquiou todas as alunas. Ao chegar em casa, Gina não queria nem lavar o rosto. “Esse foi o primeiro momento em que eu me senti valorizada, percebida, respeitada, amada, e eu falei: é isso que eu quero para minha vida, eu quero ter essa importância”, emociona-se.

A vontade de fazer por outras pessoas o que Creusa havia feito por ela foi o que norteou a escolha profissional. “Eu não me tornei uma professora por uma falta de possibilidade, como eu ouço muita gente dizer. No meu caso, foi o oposto. Essa foi uma meta que persegui a vida inteira”, diz. Com muito esforço, formou-se na Escola Normal de Ceilândia — na época, considerada uma das melhores do Centro-Oeste.

Ao chegar ao CEF 12 para dar aulas de português a professora viu a possibilidade de proporcionar aos alunos — muitos deles filhos de seus amigos de infância — um novo fazer pedagógico, que convergisse com a realidade que viviam no dia a dia. Passou, então, a acompanhar o comportamento dos jovens nas redes sociais e percebeu que as meninas, alunas das últimas séries do ensino fundamental, compartilhavam imagens muito erotizadas e incompatíveis com a idade delas. A constatação foi de que era preciso levar para a sala de aula outros modelos de beleza e de vida em que elas pudessem se espelhar, não apenas os que ganham destaque na televisão e na internet. Daí nasceu o projeto “Mulheres Inspiradoras”.

Gina selecionou 10 mulheres que tiveram contribuições decisivas à história da humanidade para apresentar em sala. Algumas das biografias escolhidas foram as de Anne Frank, adolescente judia vítima do Holocausto; e de Malala, jovem paquistanesa que recebeu o Prêmio Nobel da Paz no ano passado. Também foram convidadas a participar quatro mulheres que têm uma forte ligação com a cidade.

O trabalho final da disciplina era entrevistar uma das mulheres que faziam parte da vida delas — mães, avós, bisavós, tias — e escrever um texto com esse relato. “Foi um assombro para mim, porque eu não tinha ideia do quanto eles ignoravam a própria história e o quanto essas mulheres precisavam ser ouvidas, além da riqueza das histórias delas”, relata. Foram 150 entrevistas feitas pelos estudantes das turmas de 9º ano do colégio. Pela iniciativa, Gina ganhou dois prêmios nacionais. O próximo passo será conseguir recursos para a publicação de um livro que reunirá as histórias dessas mulheres inspiradoras.

PESQUISADOR LOCAL

Assim como Gina, Breitner Tavares, 40 anos, formou-se na Escola Normal de Ceilândia e, aos 20 anos, já dava aulas para alunos da educação de jovens e adultos (EJA), no período noturno. Durante o dia, era estudante de sociologia da Universidade de Brasília (UnB). Ele lembra que voltava para casa com outros moradores da cidade, que estudavam ou trabalhavam no campus Darcy Ribeiro, na Asa Norte. “O ônibus ia lotado, mas de gente que trabalhava em manutenção, segurança e limpeza do campus. Nós nos conhecíamos e tínhamos até uma amizade. Alunos, eram quatro ou cinco. Bem diferente de hoje, que a UnB tem gente de tudo quanto é lugar”, observa.

Ele acabou virando um divulgador e pesquisador local. A dissertação do mestrado teve como tema a Feira do Rolo, que fica no Setor O. Já no doutorado, Breitner pesquisou sobre a juventude da cidade. Enquanto elaborava a tese, foi selecionado pela Comissão Fulbright — que apoia o intercâmbio educacional entre Estados Unidos e Brasil — e recebeu uma bolsa para a Universidade de Berkeley, na Califórnia, onde desenvolveu um estudo comparado entre a juventude brasileira e a norte-americana.

Há mais de dois anos, depois que a comunidade alcançou o sonho alimentado por décadas de ter um campus da UnB, ele retornou à cidade natal. Hoje, é coordenador adjunto do curso de Saúde Coletiva, um dos cinco oferecidos, todos na área de saúde. “Estar neste campus é extremamente importante, não só do ponto de vista do orgulho, da autoestima, mas também por ser alguém que conhece um pouco mais de perto a comunidade. Isso facilita um pouco o diálogo entre universidade e cidade.”



BREITNER TAVARES DEDICOU A CARREIRA ACADÊMICA A PESQUISAS SOBRE A CIDADE